



## **AÇÃO EDUCATIVA DA ESCOLA ABERTA DO CALABAR: o educativo como caminho para a cidadania coletiva**

Rafaela Lima Costa Cerqueira<sup>1</sup>  
Nilda Moreira Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste estudo analisamos a ação educativa de uma escola, que emergiu dos movimentos sociais e vem contribuindo para a formação da cidadania coletiva, buscando identificar elementos da educação que as educadoras incorporam nas suas práticas educativas. Para tanto, realizamos um estudo de caso, dentro de uma abordagem qualitativa. A investigação apresentou como resultado da análise dos dados, os seguintes focos: quem são as educadoras da Escola Aberta do Calabar; seus sonhos/esperanças como imperativo básico da Escola no processo educativo e seu trabalho educativo na Escola como caminho na direção da cidadania coletiva.

**Palavras-chave:** Ação educativa; Cidadania coletiva; Práxis humana

## **INTRODUÇÃO**

Quero discernir o mero exercício de influências educacionais de um exercício comprometido, intencional e ético da prática educativa. A este último denomino de práxis educativa. Passo a partir disso a considerar que toda *prática educativa* deve incorporar o mesmo sentido de *práxis educativa*, alertando que, na dimensão educativa, prática deve ser vista sempre no sentido de práxis. (M. A. Santoro Franco. 2008).

Comparativamente com outros campos de atividade, a ação educativa envolve um conjunto de questões que a torna bastante complexa. Daí, a importância deste aspecto da pesquisa, com o título *AÇÃO EDUCATIVA DA ESCOLA ABERTA DO CALABAR: o educativo como caminho para a cidadania coletiva*. Uma de nossas indagações partiu da necessidade de compreendermos a complexidade da educação no movimento social popular. Que são ações educativas desenvolvidas na Escola Alberta do Calabar para a formação da cidadania coletiva de seus alunos? Esta interrogação não foi apenas uma curiosidade a ser satisfeita. Foi um desafio que enfrentamos no sentido de analisar a ação educativa de uma escola, que emergiu dos movimentos sociais, contribui para a formação da cidadania coletiva, buscando identificar elementos da educação que as educadoras incorporam nas suas práticas educativas.

Sabemos que em qualquer prática educativa escolar “Existe efetivamente na ação uma espécie de poder indispensável à nossa própria construção” (Foulquiê, citando E.Mounier. 1971.p.14), isto é, na escola existe o currículo e os diferentes saberes como produtores de configurações cognitivas e de experiências constituindo uma cultura escolar. Nessa produção de conhecimento, trata-se de um reconhecimento de autonomia relativa da instituição escolar frente aos saberes constituídos na sociedade. A escola, portanto, está continuamente re-elaborando os saberes sejam eles saber científico ou saber popular, situando a natureza e características do

<sup>1</sup> Estudante do 3º. Semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Católica do Salvador - UCSal.

<sup>2</sup> Mestre em Educação (UFBA), Professora da Faculdade de Educação da UCSal.



saber popular. Neste sentido, apresentamos um resumo da análise de LOPES (1993.p.19) a seguir, assumindo a valorização do saber popular como alvo de nosso estudo.

A reflexão sobre o conhecimento de senso-comum e conhecimento científico ultrapassa os limites da discussão do saber escolar e atinge o âmbito da pesquisa educacional, que proporciona o confronto de saberes na escola e a crítica às concepções positivistas de conhecimento. Lopes percebe que, na ruptura entre conhecimento comum e conhecimento científico há uma desvalorização do saber popular. Este é encarado com menosprezo, enquanto a ciência como o saber superior, sendo que tal equívoco parece advir da não diferenciação de senso-comum e saber popular. Hoje se procura valorizar o saber popular como sendo forma de ciência. A ciência das camadas populares, ou seja, conhecimento prévio dos alunos sobre os fenômenos naturais, formulados no cotidiano. Neste contexto, é importante lembrar aquela expressão já conhecida: *toda produção de significados constitui um saber, mas nem todo saber é científico*.

Em síntese, o *senso-comum* é um “conhecimento” conservador, fixista, é forma ideológica do agir humano e prende-se ao aparente; o *conhecimento científico* é elaborado com método, destrói a pseudoconcreticidade visando alcançar a concreticidade através do pensamento dialético; o *saber escolar* apropria-se dos conhecimentos científicos, é encarado como verdadeiro; o *saber popular* é um saber cotidiano de um pequeno grupo e não da sociedade como um todo, apresenta especificidade, parte de práticas sociais de grupos específicos, oriundo de movimentos sociais.

Nesta discussão, é muito oportuno o quadro que GOHN (2000.p.228) nos oferece estabelecendo algumas diferenças entre movimentos sociais e grupos de interesses, a partir do universo de interpretações existentes:

1. Diferença entre *movimento* e *grupo de interesse* – é irregular o uso do termo movimento para designar a ação de grupos em função de seus interesses. Interesses comuns de um grupo são um componente de um *lobbie*. Para ser um **Movimento Social** a ação de um grupo de pessoas tem de ser qualificada por uma série de parâmetros enquanto um coletivo social.
2. Quanto ao uso da expressão *movimento da classe trabalhadora* – movimento é uma categoria da dialética: a do movimento das coisas, dos grupos sociais em oposição à estática.
3. A diferenciação deve ser feita entre modos de ação coletiva e movimento social propriamente dito.
4. Refere-se à esfera onde ocorre a ação coletiva – um espaço não institucionalizado, nem na esfera pública nem na esfera privada, criando um campo político. Resulta que um movimento social *strictu sensu* deixa de ser movimento quando se institucionaliza, quando se torna ONG, por exemplo, embora possa continuar como parte de um movimento mais amplo, enquanto organização de apoio daquele movimento.

Ainda sobre os movimentos sociais em si, Gohn nos apresenta uma explicação significativa a respeito da diversidade de movimentos sociais existentes, no que se refere à diferenciação interna entre eles e quanto às formas de organização, propostas, projetos políticos, articulações, tipos de lideranças e outros aspectos. Ela afirma que a diferença básica não é entre antigo movimento (operário) e movimentos sociais (questões de gênero, raça, sexo, ecologia, etnia, etc). A diferença básica está entre *antigos movimentos populares* quando imperavam práticas de cunho populista e clientelista e *novos movimentos populares* cuja luta é por causa comum, a exemplo de lutas pela moradia e equipamentos coletivos em geral. Neste sentido, as



relações com a igreja, os sindicatos e os partidos sempre existiram, mas nos movimentos contemporâneos a relação é de outra natureza; as práticas e os repertórios também se alteraram.

O objeto deste estudo é a ação educativa no espaço escolar comunitário, como ação social do próprio movimento popular. É certo que muitas alterações que vêm ocorrendo no dia-a-dia no grupo gestor e pedagógico da Escola Aberta do Calabar, dentro do próprio movimento social, possuem essencialmente um caráter educativo. Este objeto de estudo nos coloca diante de uma questão fundamental e muito ampla: como entendê-lo teoricamente? Como analisar movimentos sociais no Brasil? Questões para estudos posteriores.

A complexidade do Movimento Social como objeto de estudo, por se tratar de um fenômeno social que leva a um conjunto de caminhos torna-se difícil explicar com precisão a ação educativa por ser a própria educação um objeto processo-inconcluso e em aberto. Esta investigação se configurou como um estudo de caso, na medida em que exigiu um cuidado com questões próprias da pesquisa qualitativa.

Referindo-se aos pesquisadores Good e Hatt, MARCHESINI DE PÁDUA (2000, p. 71) conceitua o estudo de caso como “...uma abordagem que considera qualquer unidade social como um todo. Quase sempre esta abordagem inclui o desenvolvimento dessa unidade, que pode ser uma pessoa, uma família ou outro grupo social, um conjunto de relações ou processos (...). Marchesini de Pádua também aponta alguns aspectos que configuram o Estudo de Caso lembrando-nos que devemos ter sempre em mente que a totalidade de qualquer objeto, quer físico, biológico ou social, é uma construção intelectual, uma vez que não dispomos de meios concretos para definir precisamente estes limites. E acrescenta que o estudo de caso não pode ser considerado uma técnica que realiza a análise do objeto de estudo em toda sua unicidade, mas é uma tentativa de abranger as características mais importantes do tema que se está pesquisando.

A metodologia, portanto, está inserida na perspectiva de estudo de caso, compreendendo o processo de construção de conhecimentos vinculados às questões da ação educativa no âmbito da Escola Aberta do Calabar. Nesse processo, utilizamos um roteiro de entrevista, que foi transformado num questionário com perguntas fechadas e abertas, visando dar possibilidade de serem obtidas as informações.

Este artigo apresenta resultados parciais da pesquisa com o título **AÇÃO EDUCATIVA DA ESCOLA ABERTA DO CALABAR: a prática pedagógica das educadoras na construção da cidadania coletiva**, que se encontra em processo de realização, cuja pesquisa abarca duas dimensões: o educativo e o pedagógico na Escola Aberta do Calabar – dimensões que se articulam através da investigação do contexto dessa realidade investigada. Essas dimensões configuram uma estrutura que compreende a ação educativa por parte da equipe de educadoras / gestoras e da Escola como espaço de cidadania coletiva. Portanto, com os resultados parciais a seguir, estamos focalizando a questão educativa, entendendo a ação educativa como um processo de construção da autonomia e organização pessoal, que considera o aluno como sujeito da educação.

## RESULTADOS DO ESTUDO DE CASO

### 1. Quem são as Educadoras da Escola Aberta do Calabar?



O corpo docente da Escola Aberta do Calabar é composto por cinco educadoras e uma Coordenadora Geral, portanto uma equipe pedagógica formada por mulheres. As características aqui contempladas no Quadro 01 abaixo se referem a gênero, tempo de serviço na escola e titulação.

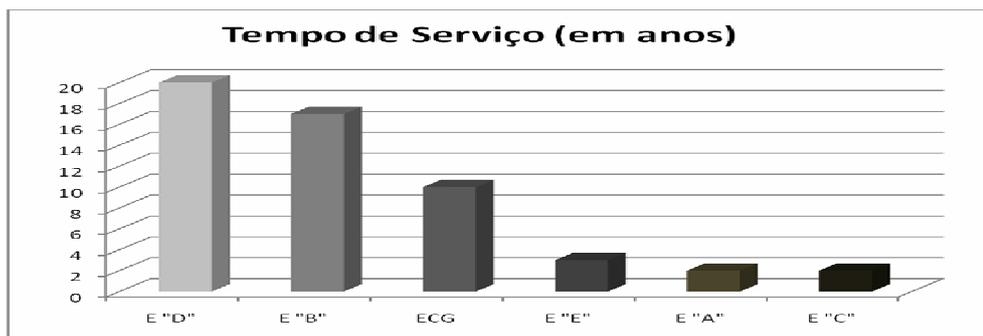
A educação escolar continua sendo um reduto feminino. No magistério das Escolas Públicas permanece uma carreira basicamente feminina. Este fato se constata também em Escolas Comunitárias como esta. Já é senso comum considerar que o encargo da mulher com a socialização da criança é fruto da divisão sexual do trabalho e se configura como uma “vocação”. Somado a este conceito (vocação), o magistério é associado a uma ocupação que permite conciliar a vida profissional com a vida familiar e as tarefas domésticas.

(Quadro 01)

EDUCADORAS PARTICIPANTES DA PESQUISA: por sexo, tempo de serviço e Titulação

Educadoras	Sexo	Tempo de Serviço	Titulação
(Coordenadora Geral)	Fem.	10 anos	Pedagogia / Especialização
Educadora “A”	Fem.	02 anos	Magistério
Educ. “B”	Fem.	17 anos	Magistério
Educ. “C”	Fem.	02 anos	Pedagogia
Educ. “D”	Fem.	20 anos	Magistério
Educ. “E”	Fem.	03 anos	Magistério

Quanto ao tempo de trabalho pedagógico das educadoras na Escola é possível constatar que duas professoras nela atuam desde o final da década de 1980 e início da década de 90. O gráfico abaixo permite ver como esse tempo de serviço é uma presença marcante tanto maior é o seu tempo de trabalho.



É possível constatar também outra presença marcante em termos de tempo de 10 anos trabalho pedagógico e administrativo prestado à Escola pela Coordenadora Geral, sendo que as três demais professoras atuam na escola na faixa de 2 a 3 anos de trabalho.

No que se refere à titulação, das seis educadoras da Equipe gestora pedagógica da Escola Aberta do Calabar duas são formadas em Pedagogia, sendo que uma concluiu o curso de especialização e quatro professoras com titularidade em Magistério. No interior do quadro 01, o que interessa não é considerar a presença ou ausência de titulação acadêmica em si mesma, mas o significado das experiências educativas e pedagógicas das professoras na escola.



## 2. Sonho/esperança como imperativo básico na expectativa da Escola no processo educativo.

Baseadas no pressuposto de que ser professor é ser professor de uma determinada escola, as três primeiras perguntas desta pesquisa buscam situar as educadoras que compõem a Equipe Pedagógica/Gestora da Escola Aberta do Calabar. Com este pressuposto trazemos esses docentes para o centro deste trabalho de pesquisa, com a ressalva de que não se trata de refletir sobre a vida das professoras na sua dimensão pessoal, mas situar a ação educativa da Escola Aberta do Calabar e, nela, as suas práticas pedagógicas na construção da cidadania coletiva. É bastante significativo ouvir as cinco professoras a respeito dos modos como elas se relacionam com a sua ação educativa, com a escola, inclusive com a especificidade de ser educador/a de uma escola comunitária.

Como a professora se vê na construção de seus sonhos na perspectiva da educação? Nesta pergunta aparecem duas expressões: a primeira “construção de seus sonhos” e a segunda “na perspectiva da educação”. A primeira expressão vincula-se aos sujeitos humanos envolvidos no processo da educação. São pessoas dotadas de forças necessárias para que a luta pela educação, portanto, pela vida seja enfrentada. A palavra “sonho” aqui aplicada ganha a dimensão de um princípio essencial e propulsor para a realização (por parte das educadoras) de suas propostas e projetos no interior da Escola e fora dela. Sonho relacionado à outra palavra “esperança”, que, como já dissera Paulo Freire a esperança é um imperativo existencial e histórico básico. Embora essa idéia de sonho, de esperança seja insuficiente para vencer a luta, mas sem ela a luta fraqueja. “A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela não haverá história, mas puro determinismo” (FREIRE, 1996.p.72). A segunda expressão “na perspectiva da educação” relacionada à primeira é, antes de tudo, a educação como “ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1969. p.96).

É possível então entender o sonho, a esperança dessas professoras que atuam na educação, sendo esta uma práxis humana situada num contexto de sociedade determinada (capitalista). Esta é a nossa tentativa neste espaço de estudo de caso. Segue um quadro qualitativo (Quadro 02), síntese das respostas dadas pelas professoras:

(Quadro 02)

As professoras na construção de seus sonhos na perspectiva da educação

Como se vê na construção de seus sonhos na perspectiva da educação	Número de indicações
- Contribuo de forma qualitativa, responsável e atualizada. - Como uma contribuidora no processo educativo, buscando sempre o sonho da qualidade na educação. - Sinto-me como colaboradora ativa. - Como educadora participativa, com sonho de possibilidades de melhoria na educação de forma geral, incluindo a formação dos educadores para possibilitar verdadeiramente a construção.	04
- Cumprindo o meu papel de um agente transformar na história da educação formando com seriedade aqueles que nos foi confiado.	01
- Ver na comunidade: adultos alfabetizados participando (eu e eles) nesse processo.	01



De acordo com o quadro acima é possível verificar que quatro (04) das docentes responderam a pergunta informando que são colaboradoras ativas no processo educativo, buscando o sonho da qualidade educacional, qualidade esta incluída na própria formação permanente dessas educadoras. A expressão “colaboradora ativa” e “educadora participativa” aparecem como sinônimo no quadro, representando uma similaridade de pensamento entre as entrevistadas. Essa utilização leva a inferir que as professoras se sentem agentes de mudanças na busca pela conciliação entre os interesses dos grupos dominantes, geralmente com seu discurso único, e os interesses por mudanças efetivas, reivindicando a valorização das diferenças, dos vários discursos. As suas falas expressam ter a consciência de fazer parte daqueles que lutam e participam pelos oprimidos, ou seja, vêem esse processo de luta como algo enriquecedor e instigante no cotidiano de seu trabalho pedagógico, como base do processo educativo.

Outra expressão que aparece no discurso das docentes é “Processo educativo” que possui um cunho amplo e oportuno de ser analisado. Aqui ele é pautado nas relações sociais que ocorrem no ambiente escolar, não vigorando apenas uma aprendizagem vertical, mas também o amadurecimento da política educacional e experiência escolar. Há uma relação diretamente proporcional entre o compromisso de ser uma colaboradora ativa, ou seja, que cumpre seu propósito de fato, com o compromisso do acontecimento de um processo educativo real. Isso só é possível quando uma Instituição tem seus objetivos bem concatenados e prosseguem na luta pelo seu espaço na sociedade. Já a expressão “sonho de qualidade na educação” remete à vontade e à esperança da melhoria das condições sociais através da educação. Nisso, existe um aprendizado por meio das experiências reivindicatórias e esse aprendizado permite o acesso aos dois mundos: mundo pensado e o mundo vivido. O sonho, portanto, vem esboçado na imagem da qualidade e esta é o problema central da condição social, do cultural e do contexto da própria escola.

Mais um ponto relevante apontado pelas entrevistadas é “a formação dos educadores para possibilitar verdadeiramente a construção”. Apesar das políticas educacionais se tornarem discrepantes na dinâmica da prática social, visto que são construídas de cima para baixo, as docentes da Escola Aberta do Calabar não se limitam nas transmissões de informações e nem ao seguimento de política educacional padronizada. Parece que elas estão cientes de que são capazes de elaborar e reinterpretar as idéias contidas nas políticas para que essas não sejam dissonantes da realidade social e cultural em que vivem e que venham a somar para a emancipação humana.

Outra docente se vê nessa construção como alguém que cumpre seu “papel de agente transformador” na história da educação formando com seriedade aqueles que lhes foi confiado”. A entrevistada deixa claro que não se percebe como um simples elemento de entrada no sistema educacional, mas como um alguém que explora as possibilidades de seus alunos, potencializando-os no sentido de criarem um novo olhar, para não se permitirem viver na opressão. Ademais tenta que eles acreditem na sua força, inclusive na força das suas reivindicações, pois são por meio dessas que poderão transformar a sua história. Por isso a professora em questão se coloca como uma pessoa compromissada, como responsável pelo ato de ensinar e de produzir os efeitos favoráveis à educação para a independência crítica do sujeito.

Mais uma educadora responde que quer ver, na comunidade, adultos alfabetizados participando, tanto ela quanto eles, desse processo. A ratificação da colocação “na comunidade”



leva a influir a carência do Calabar no que se refere à universalização da educação. Uma comunidade que tem sua história associada à história dos marginalizados da sociedade baiana desde a época da escravidão e no decorrer das décadas, possui uma raiz muito forte com a negação da sua existência. Para a professora é importante que a comunidade do Calabar se constitua como um lugar autônomo e resistente a tudo que lhes é dificultado como a própria educação, ou omissão do papel dela. Ao invés da passividade insatisfeita, é possível apropriar-se dos meios que os privilegiados dispõem para se lutar com as mesmas condições. Em síntese ela pensa na possibilidade da equidade.

A professora também se inclui nesse processo de participação e na formação crítica dos alunos. Ela não se vê como pessoa pronta e acabada, mas, de igual forma, aprendendo a requerer os direitos que o espaço social deve lhe permitir. De acordo com as demandas do seu cotidiano profissional, ela apreende e aprende o caminho das tentativas para a minimização das desigualdades sociais vigentes, descobrindo com o alunado as possíveis perspectivas.

A respeito da pergunta “Quais os referenciais e conflitos que constituem as imagens que constroem de si mesmo e da Escola, enquanto espaço que procura ajudar a criança, o pré-adolescente e o adolescente na escola e na vida?” foi obtido um quadro de explicações sobre as imagens e os conflitos que as professoras constroem de si mesmas na e da escola. A relação das educadoras se dá, por um lado, entre as educadoras no tempo e espaço da Escola, cujas informações e dados revelam esta mediação. Por outro lado, esta relação é expressa pelos conflitos, no sentido do embate das educadoras que lutam por uma melhor educação, direcionadas pelo pensar e fazer coletivo.

Quando, por um lado, destacamos na pergunta as “imagens que se constrói de si mesmo e da Escola” estamos aludindo a operações mentais, individuais ou coletivas que insistem no aspecto construtivo e identitário da representação, portanto, da imagem. Por outro lado, nossa perspectiva em que situamos conflitos parte do seu próprio sentido como constituintes de um processo no desenvolvimento dos grupos ou equipes de trabalho, ou seja, os conflitos como inerentes à vida organizacional. É imperativo, portanto, levar isso em conta no caso de uma análise dos referenciais como imagens e análise dos conflitos que as educadoras constroem no contexto da Escola.

#### a) Referenciais (Imagens)

Diante das respostas dadas pelas educadoras com relação às imagens que fazem delas mesmas e do espaço sócio-cultural que trabalham, é possível uma tentativa de se fazer algumas inferências com base nas suas expressões subjetivas. Parece que elas dividem idéias similares ou somam idéias no que tange a visualização do ambiente de trabalho e ao propósito delas no mesmo. Três das seis respostas colhidas no questionário as docentes afirmaram que elas se colocam à “disposição de aprender e ensinar em comunidade de trabalho”. A palavra “disposição” na frase sugere uma coerência íntima com o verbo “aprender”, pois para que ocorra um aprendizado é necessário agir e buscar a construção do objeto de conhecimento. Ao se disporem para a realização das suas tarefas, as educadoras estão partindo de uma consciência coletiva e participativa, significando suas ações educativas.

Elas trazem das suas realidades a palavra “comunidade”. Este termo expressa por si só como uma parte ampla e interlocutora da realidade que partilham. Carrega também em si a comunicação de um grupo social de características e interesses comuns dentro da Escola Aberta do Calabar. Fica claro, por meio da palavra comunidade que as educadoras se tornam um grupo



coeso, com os seus compromissos a serem cumpridos, partilhando o mesmo espaço físico e estabelecendo relações significativas. Outra fala que aparece é “a possibilidade de construção de alunos pensantes, na possibilidade de reconhecer direitos e deveres”. As palavras “possibilidades” aparecem como uma ratificação do pensamento avesso à castração que os grupos oprimidos têm sofrido em algumas instituições escolares atuais. Quando as docentes reconhecem que o caminho para o despertar crítico está na procura e na criação de vertentes possíveis para o alcance do objetivo da Escola, elas passam a materializar o conceito de cidadania. Através das respostas, as professoras se mostraram preocupadas com a apreensão dos alunos no que diz respeito à cidadania coletiva e não somente o uso desta como a cidadania formal.

#### b) Conflitos

No aspecto conflitos, as educadoras responderam quais as questões que mais as deixavam pensativas a respeito dos seus compromissos e o reflexo destes no cotidiano da Escola e nas suas vidas. Houve a incidência de que o maior conflito, para elas, “*é a impotência financeira*”, visto que a Escola está inserida em uma comunidade carente. Como atuantes na educação dos alunos matriculados, as educadoras sentem a necessidade de uma remuneração digna para que possam dar seguimento ao trabalho que iniciaram, pois é perceptível que as suas aspirações sociais para o presente/futuro dos moradores do Calabar, não tem como serem desassociadas de um apoio financeiro que vise a sua sobrevivência. Nesse momento a palavra “*impotência*” é atribuída sentido e relevância, já que ela marca a impossibilidade funcional da luta do trabalho pedagógico na sala de aula e nas condições de sobrevivência das mesmas.

Outro conflito descrito pelas educadoras é a busca de novas perspectivas para não serem conservadoras e sim transformadoras. Na prática diária devido ao panorama que elas encontram na Escola, seria mais fácil o resgate de ações que confirmassem o ensino tradicional coexistente na sociedade. Contudo o que é perceptível é que ocorrem, constantemente, retomadas individuais para que não haja a fuga dos propósitos que as levaram a exercerem tal papel na determinada Escola. Por meio das suas respostas elas deixam transparecer que carregam consigo a idéia de tentarem modificar as formas de ensino que levam a deturpação do aluno como ser humano. É baseada nesta proposta que outra resposta tem explicação. Elas também afirmam que vêem as crianças e os adolescentes sem maiores expectativas, faltando projetos e atividades que possibilitem o desenvolvimento dos alunos juntamente com a sua criatividade. A educadora ao repensar o seu papel e sua práxis as faz perceber que o sistema as coagem e limitam nas ações educativas, seja por sanções financeiras seja por questões sociais.

### **3. A Escola como caminho na direção da cidadania coletiva**

“Você (enquanto educador) mesmo enfrentando situações adversas está empenhado em construir caminhos na direção da construção da cidadania coletiva?” No geral, as respostas foram diferentes, mas levando à conclusão de que os interesses são comuns. Vejamos:

- *É o nós a cada dia que experimentamos.*
- *Vale apenas tentar, se inserir ou fazer cidadania coletiva, onde todos possam ser visto pelo SER E NÃO PELO TER. Exercendo seu direito de ser cidadão sem retaliação.*
- *Não teria sentido estar aqui tantos anos, com tantos sacrifícios se não fosse este o meu pensamento o coletivo, pois se queremos um mundo melhor, não posso apenas pensar em mim.*
- *Trabalhar com todos com objetivo citado.*
- *Significa trabalhar para lados, com um só objetivo.*



- *Enfrentar nossos interesses e coletivo, às vezes é doloroso e ao mesmo tempo um avanço.*

Este quadro qualitativo busca explicações sobre o que é a relação, portanto, a comunicação que as educadoras estabelecem com a Escola Aberta do Calabar. A relação que por um lado se dá entre as educadoras no contexto da Escola, cujas informações e dados revelam esta mediação e, por outro lado, esta relação é expressa pelos conflitos, no sentido do embate das professoras que lutam por uma melhor educação, direcionadas pelo pensar e pelo fazer coletivo.

Dentre as respostas acima predominou a expressão “cidadania coletiva”. Uma das educadoras respondeu que *“vale a pena tentar, se inserir ou fazer cidadania coletiva, onde todos possam ser vistos pelo SER E NÃO PELO TER. Exercendo seu direito de serem cidadãos sem retaliação”*. Por meio de tal afirmação é possível perceber a existência de um sonho latente que a impulsiona a buscar caminhos viáveis dentro da sociedade, através da educação, que possibilitem a inserção de crianças de segmentos populares à efetiva condição de cidadãos. Essa cidadania é caracterizada pela entrevistada como coletiva, na qual são enfocados elementos morais, éticos e estéticos, que, quando trabalhados sob as esferas educativas, pedagógica e social irão ajudar na própria conscientização do aluno como ser humano e social. Ainda na mesma frase é enfatizada a visão de que o ser humano tem sido valorizado ou visto como cidadão pela suas posses e não pela condição de vida. A educadora deixa explícita que a falta de condições do homem *“pode lhe trazer retaliações”*. Na sua vivência como educadora de uma escola que carrega sua história ligada aos movimentos sociais e como cidadã que exerce seus deveres e lutas pelos seus direitos, ela entende que as mobilizações sociais são relevantes para a inserção de grupos minoritários na elaboração de políticas e práticas inclusivas, que abandonem a exclusão e conjuntamente o exercício de retaliações coercitivas tão presentes na sociedade.

Outra educadora respondeu que *“não teria sentido estar na Escola tantos anos se seu pensamento não fosse do coletivo por querer um mundo melhor, não podendo pensar apenas nela*. Essa entrevistada, igual à citada acima, tem como meta a construção de uma sociedade mais justa e humana, através das reivindicações e estas só são possibilitadas pelo trabalho da consciência no educativo. Dentro do que ela estabelece como justa, ela insere o tratamento de igualdade a todos sem distinção de classes. Tal estágio só poderá se tornar uma possibilidade se aqueles atingidos pela omissão social unirem-se e buscarem ferramentas para se fazerem presentes nos projetos e metas da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em recente entrevista (29/02/2008) realizada pela TVE Brasil, o Prof. Antonio Nóvoa destaca que:

A escola foi um fator de produção de uma cidadania nacional, fator de produção social durante muito tempo e agora deixou de ser. E a própria sociedade tem, por vezes, dificuldade em ter uma clareza, uma coerência sobre quais devem ser os objetivos da escola. E essa incerteza, muitas vezes, transforma o professor num profissional que vive numa situação amargurada, que vive numa situação difícil e complicada pela complexidade do seu trabalho, que é maior do que no passado. Mas isso acontece, também, por essa incerteza de fins e de objetivos que existe hoje em dia na sociedade.



Aqui ressaltaríamos a ação educativa na escola como um fator de produção de uma cidadania coletiva e, neste contexto de sociedade da incerteza, destacamos a ação educativa entendida como um processo de construção da autonomia e organização pessoal, que considera o aluno como sujeito da educação.

Na análise dos dados deste trabalho investigativo focalizamos a ação educativa, a partir da necessidade de compreendermos a complexidade da educação no movimento social popular. A análise nos levou a algumas inferências. Vejamos:

- É possível entender o sonho / esperança dessas professoras que atuam na educação, sendo esta uma práxis humana situada no contexto desta sociedade complexa.
- Ao se disporem para a realização das suas tarefas, as educadoras estão partindo de uma consciência coletiva e participativa, significando suas ações educativas - aspecto construtivo e identitário da representação, portanto, da imagem que se constroem de si mesma e da Escola.
- O maior conflito para as educadoras “*é a impotência financeira*”, visto que a Escola está inserida numa comunidade carente. Outro conflito descrito pelas educadoras é a busca de novas perspectivas para não serem conservadoras e sim transformadoras.
- As relações que as educadoras estabelecem com a Escola Aberta do Calabar são expressas pelos conflitos, no sentido do embate das professoras que lutam por uma melhor educação, direcionadas pelo pensar e pelo fazer coletivo.
- A questão da cidadania é caracterizada como cidadania coletiva, na qual são enfocados elementos morais, éticos e estéticos que, quando trabalhados sob as esferas educativas, pedagógica e social, irão ajudar na própria conscientização do aluno como ser humano e social.

## REFERÊNCIAS

- FRANCO, Maria Amélia do R. Santoro. Pedagogia como ciência da educação. São Paulo: Cortez. 2008.
- FOULQUIÉ, Paul. In. Dicionário da Língua Pedagógica. Portugal: Lisboa: Livros Horizonte. 1971.
- FREIRE, Paulo. Educação como Prática de Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969
- \_\_\_\_\_, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo. Paz e Terra. 1996.
- GOHN, Maria da Glória. Teorias dos Movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. S.Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 228, 247.
- LOPES, Alice R.C. Reflexões sobre currículo: as relações entre senso comum, saber popular e saber escolar. In. Revista Em Aberto. Brasília. Ano 12. n. 58/1993
- MARCHESINI DE PÁDUA, Elisabete Matallo M. Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática. Campinas. S. Paulo. Papyrus. 2000.